

MARIA
UMA VIDA JUNTO DE JESUS



JOSÉ ANTONIO LOARTE

MARIA

UMA VIDA JUNTO DE JESUS



JOSÉ ANTONIO LOARTE

MARIA, UMA VIDA JUNTO DE JESUS

Narração em vinte cenas da vida da Virgem Maria, a partir dos Evangelhos e da tradição da Igreja.

José Antonio Loarte

© 2020 Gabinete de Informação

do Opus Dei

www.opusdei.org/pt-pt/

Índice

Apresentação

A Imaculada Conceição

A Natividade de Nossa Senhora

Apresentação de Nossa Senhora

Os esponsais com José

Anunciação de Nossa Senhora

Visitação a Santa Isabel

O nascimento de Jesus

Apresentação de Jesus no Templo

Adoração dos magos

A fuga para o Egito

Regresso a Nazaré

Jesus entre os doutores

Os anos de Nazaré

As bodas de Caná

Junto à Cruz de Jesus

Sepultura de Cristo

Ressurreição e Ascensão do Senhor

A vinda do Espírito Santo

Dormição e Assunção de Nossa Senhora

Rainha e Senhora do universo

Apresentação

Escrever uma vida de Santa Maria não é fácil. Primeiro, porque o Evangelho fornece pouca informação sobre a Mãe de Deus e a nossa Mãe, apesar de eles serem suficientes para nos maravilharmos com a santidade da Virgem Maria e termos uma devoção filial. Além disso, há livros que usaram recursos exegéticos, históricos e literários para abordarem essa tarefa. Desde o Concílio Vaticano II, os estudos bíblicos têm enriquecido grandemente o nosso conhecimento da Virgem de Nazaré, destacando o lugar muito especial que ela tem na história da salvação.

Estas páginas, portanto, não pretendem ser uma narrativa histórica do caminho terreno da Mãe de Jesus. É, antes, um esboço biográfico redigido com uma linguagem acessível a todos, mas enraizada nas descobertas da mariologia contemporânea.

Em tempos anteriores ao Concílio Vaticano II, a mariologia (ramo da teologia dogmática que estuda a figura e o papel de Maria no plano divino da salvação) estudava a figura de Nossa Senhora de um ponto de vista devocional. No entanto, o discurso não se apoiava na Escritura e na tradição patrística, e não era fácil integrar a componente devocional tão profundamente enraizada no povo cristão.

O Capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen Gentium* — dedicada à Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja — estava ciente destes problemas e tentou remediá-los. Baseando a mariologia nas suas fontes primárias e apresentando Maria no contexto da história da salvação e do mistério da Igreja, o

Concílio conseguiu renovar esta parte da teologia em continuidade com a grande tradição da Igreja. Esse documento magisterial despertou em inúmeros teólogos o desejo de estudar com mais profundidade os dados da revelação (Escritura e Tradição) sobre a Santíssima Virgem. Muitas dessas contribuições foram assumidas pelo magistério ordinário da Igreja: São Paulo VI, Bento XVI e especialmente São João Paulo II, que desenvolveu, durante vários anos, um ciclo de catequese semanal sobre Nossa Senhora. Nós, católicos, temos uma dívida de gratidão especial a todos eles, pois fizeram possível que a figura de Maria brilhe com mais intensidade no firmamento da Igreja, dando um sólido fundamento teológico à devoção mariana.

No entanto, muitas vezes, essas contribuições não chegaram ao público. Ficaram confinadas nos tratados de mariologia ou livros que só estão acessíveis aos especialistas. Esta é a razão que me levou a escrever estes episódios da vida de Maria.

A primeira edição foi lançada em 2011, no site do Opus Dei. Aqui são recolhidos, na forma de livro eletrônico, os vinte capítulos que estruturam um retrato completo da Virgem Maria.

Que estas páginas possam servir para que o leitor se maravilhe mais com as riquezas sobrenaturais que a Trindade derramou sobre Nossa Senhora, e que a devoção mariana, firmemente enraizada na Escritura, na Liturgia e no Magistério, penetre mais profundamente na sua vida.

José Antonio Loarte

Roma, 15 de agosto de 2015

Solenidade da Assunção de Nossa Senhora

[Voltar ao índice](#)

A Imaculada Conceição

A história do homem sobre a terra é a história da misericórdia de Deus. Desde a eternidade, *escolheu-nos Ele, antes da criação do mundo, para sermos santos e imaculados a seus olhos, pelo amor (Ef 1, 4).*

No entanto, por instigação do demónio, Adão e Eva revoltaram-se contra o plano divino: *tornar-vos-eis como deuses, conhecedores do bem e do mal (Gn 3, 5)*, tinha-lhes sussurrado o príncipe da mentira. E ouviram-no. Não quiseram dever nada ao amor de Deus. Procuraram conseguir, apenas pelas suas forças, a felicidade a que tinham sido chamados.

Mas Deus não desistiu. Desde a eternidade, na Sua Sabedoria e no Seu Amor infinitos, prevendo o mau uso da liberdade por parte dos homens, tinha decidido fazer-se um de nós mediante a Encarnação do Verbo, segunda Pessoa da Trindade.

Por isso, dirigindo-se a Satanás, que sob a figura de serpente tinha tentado o Adão e a Eva, o intimou: *Eu porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e os descendentes dela (Gn 3, 15)*. É o primeiro anúncio da Redenção, no qual se antevê já a figura de uma Mulher, descendente de Eva, que será a Mãe do Redentor e, com Ele e sob Ele, esmagará a cabeça da serpente infernal. Uma luz de esperança se acende diante do género humano a partir do próprio instante em que pecamos.

Começavam assim a cumprir-se as palavras inspiradas — escritas muitos séculos antes de que a Virgem viesse ao mundo — que a liturgia põe nos lábios de Maria de Nazaré. *Javé criou-me como*

primeiro fruto da sua obra, no começo dos seus feitos mais antigos... Desde a eternidade, desde o princípio, antes que a terra começasse a existir. Fui gerada quando o oceano não existia e antes que existissem as fontes de água. Fui gerada antes que as montanhas e colinas fossem implantadas, quando Javé ainda não tinha feito a terra e a erva nem os primeiros elementos do mundo (Pr 8, 22-26).

A Redenção do mundo estava em marcha já desde o primeiro momento. Depois, pouco a pouco, inspirados pelo Espírito Santo, os profetas foram desvelando os rasgos dessa filha de Adão a quem Deus – na previsão dos méritos de Cristo, Redentor universal do género humano – preservaria do pecado original e de todos os pecados pessoais e encheria de graça, para fazer d’Ela a digna Mãe do Verbo encarnado.

Ela é a virgem que concebeu e dará à luz um Filho e chamá-lo-á Emanuel (Is 7, 14); está representada em Judite, a heroína do povo hebreu que conseguiu uma vitória contra um inimigo imponente, ao ponto de que a Ela, mais do que a ninguém, se dirigem aqueles louvores: Tu és a glória de Jerusalém! Tu és a honra de Israel! Tu és o orgulho do nosso povo... Que o Senhor Todo-poderoso te abençoe para todo o sempre (Jt 15, 9-10).

Extasiados diante da beleza de Maria, os cristãos dirigiram-lhe sempre todo o género de louvores, que a Igreja recolhe na liturgia: *horto cerrado, lírio entre espinhos, fonte selada, porta do céu, torre vitoriosa contra o dragão infernal, paraíso de delícias plantado por Deus, estrela amiga dos naufragos, Mãe puríssima...*

[Voltar ao índice](#)

A Natividade de Nossa Senhora

Muitos séculos tinham passado desde que Deus, às portas do Paraíso, prometera aos nossos primeiros pais a chegada do Messias. Centenas de anos em que a esperança do povo de Israel, depositário da promessa divina, se centrava numa donzela, da linhagem de David, *que está grávida e vai dar à luz um Filho, a Quem há-de pôr o nome de Emanuel (Is 7, 14)*. Geração após geração, os israelitas piedosos tinham esperado o nascimento da Mãe do Messias, *aquela que haveria de dar à luz*, como anunciava Miqueias tendo em fundo a profecia de Isaías (cfr. *Mq 5, 2*).

Depois do regresso do exílio na Babilónia, a expectativa do Messias tinha-se tornado mais intensa por parte de Israel. Uma onda de emoção percorria aquela terra nos anos imediatamente antes da Era Cristã. Muitas antigas profecias pareciam apontar nessa direcção. Homens e mulheres esperavam com ânsia a chegada do Desejado das nações. A um deles, o velho Simeão, o Espírito Santo tinha revelado que não morreria sem que os seus olhos tivessem visto a realização da promessa (cfr. *Lc 2, 26*). Ana, uma viúva de idade avançada, suplicava com jejuns e orações a redenção de Israel. Os dois gozaram do enorme privilégio de ver e tomar nos seus braços o Menino Jesus (cfr. *Lc 2, 25-38*).

Inclusive no mundo pagão — como afirmam alguns relatos da Roma antiga — não faltavam sinais de que algo muito grande se estava a gerar. A própria *pax romana*, a paz universal proclamada pelo imperador Octávio Augusto poucos anos antes do nascimento de Nosso Senhor, era um presságio de que o verdadeiro Príncipe da

paz estava quase a vir à terra. Os tempos estavam maduros para receber o Salvador.

Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei, para resgatar os que se encontravam sob o domínio da Lei, a fim de recebermos a adoção de filhos (Gl 4, 4-5). Deus esmera-se na escolha da sua Filha, Esposa e Mãe. E a Virgem santa, a mais excelsa Senhora, a criatura mais amada por Deus, concebida sem pecado original, veio à terra. Nasceu no meio de um profundo silêncio. Dizem que no Outono, quando os campos dormem. Nenhum dos seus contemporâneos se deu conta do que estava a acontecer. Só os anjos do Céu festejaram.

Das duas genealogias de Cristo que aparecem nos evangelhos, a que recolhe São Lucas é muito provavelmente a de Maria. Sabemos que era de estirpe distinta, descendente de David, como tinha anunciado o profeta falando do Messias — *brotará um rebento do tronco de Jessé, e um renovo brotará das suas raízes (Is 11, 1)* — e como confirma São Paulo quando escreve aos Romanos acerca de Jesus Cristo, *nascido da linhagem de David segundo a carne (Rm 1, 3)*.

Um escrito apócrifo do século II, conhecido com o nome de *Proto-evangelho de Santiago*, transmitiu-nos os nomes dos seus pais — Joaquim e Ana — que a Igreja inscreveu no calendário litúrgico. Diversas tradições situam o lugar do nascimento de Maria na Galileia ou, com maior probabilidade, na cidade santa de Jerusalém, onde se encontraram as ruínas de uma basílica bizantina do século V, edificada sobre a chamada *casa de Santa Ana*, muito perto da piscina Probática. Com razão a liturgia põe nos lábios de Maria umas frases do Antigo Testamento: *estabeleci-me em Sião. Na*

cidade amada Ele me fez repousar e em Jerusalém está o meu poder (Sir 24, 10-11).

Até Maria nascer, a terra esteve às escuras, envolta nas trevas do pecado. Com o seu nascimento surgiu no mundo a aurora da salvação, como um presságio da proximidade do dia. Assim o reconhece a Igreja na festa da Natividade de Nossa Senhora: *pelo teu nascimento, Virgem Mãe de Deus, anunciaste a alegria a todo o mundo: de ti nasceu o Sol da justiça, Cristo, nosso Deus* (Ofício de Laudes).

O mundo não o soube, então. A terra dormia.

[Voltar ao índice](#)

Apresentação de Nossa Senhora

Foram silenciados, como a sua humildade, os anos de infância de Maria Santíssima. A Sagrada Escritura nada nos diz. Os cristãos, no entanto, desejavam conhecer com mais detalhe a vida de Maria. Era uma aspiração legítima. E como os evangelhos guardam silêncio até ao momento da Anunciação, a piedade popular, inspirada em várias passagens do Antigo e do Novo Testamento, depressa elaborou algumas narrações simples que depois seriam recolhidas na arte, na poesia e na espiritualidade cristã.

Um destes episódios, porventura o mais representativo, é o da Apresentação da Virgem. Maria é oferecida a Deus pelos seus pais, Joaquim e Ana, no Templo de Jerusalém. O mesmo que fez outra Ana, mãe do profeta Samuel, que ofereceu o seu filho para o serviço de Deus no tabernáculo onde se manifestava a sua glória (cfr. 1 *Sam* 1, 21-28). De igual modo, anos depois, Maria e José levariam Jesus recém-nascido ao Templo para o apresentar ao Senhor (cfr. *Lc* 2, 22-38).

Em rigor, não há uma história destes anos da Virgem, senão a que a tradição nos foi transmitindo. O primeiro texto escrito que refere este episódio — dele dependem numerosos testemunhos da tradição posterior — é o *Proto-evangelho de São Tiago*, um escrito apócrifo do século II. Apócrifo significa que não pertence ao cânon dos livros inspirados por Deus; mas este facto não exclui que alguns desses relatos tenham certos elementos verdadeiros. Com efeito, despojado dos detalhes possivelmente lendários, a Igreja incluiu este episódio na liturgia: primeiro em Jerusalém, onde em 543 a Basílica de Santa

Maria Nova foi dedicada em memória da Apresentação e no século XIV quando, a festa passou para o Ocidente e a sua comemoração litúrgica se fixou no dia 21 de Novembro.

Maria no Templo. Toda a sua beleza e graça — estava cheia de formosura na alma e no corpo — eram para o Senhor. É este o conteúdo teológico da festa da Apresentação da Virgem. E neste sentido a liturgia aplica-lhe algumas frases dos livros sagrados: *exerci diante dele o meu ministério no tabernáculo santo e assim me estabeleci em Sião. Na cidade amada Ele me fez repousar e em Jerusalém está o meu poder. Deitei raízes no meio de um povo glorioso, na porção do Senhor, no meio da sua herança (Sir 24, 10-12).*

Do mesmo modo, quando Jesus foi apresentado no Templo, Maria continuaria a viver uma vida normal com Joaquim e Ana. Onde Ela estava — submetida aos pais, crescendo até se fazer mulher — ali estava a *cheia de graça (Lc 1, 28)*, com o coração disponível para um serviço completo a Deus e a todos os homens, por amor a Deus.

A Virgem foi amadurecendo diante de Deus e diante dos homens. Ninguém notou nada de extraordinário no seu comportamento, ainda que, sem dúvida, cativaria as pessoas à sua volta, porque a santidade atrai sempre e mais ainda no caso da Toda Santa. Era uma donzela sorridente, trabalhadora, sempre metida em Deus e ao seu lado todos se sentiam bem. Nos seus momentos de oração, como boa conhecedora da Sagrada Escritura, revia, uma vez e outra, as profecias que anunciavam o advento do Salvador. Fá-las-ia vida da sua vida, objecto da sua reflexão, motivo das suas conversas. Essa riqueza interior transbordaria depois no *Magnificat*, o esplêndido hino que pronunciou ao ouvir a saudação da sua prima Isabel.

Tudo na Virgem Maria estava orientado para a Santíssima Humanidade de Jesus Cristo, o verdadeiro Templo de Deus. A festa da sua Apresentação exprime essa pertença exclusiva de Nossa Senhora a Deus, a completa dedicação da sua alma e do seu corpo ao mistério da salvação, que é o mistério da aproximação do Criador à criatura.

Elevei-me qual cedro do Líbano, como cipreste nos montes do Hermon. Cresci como a palmeira de En-Guédi, como as roseiras de Jericó, como uma formosa oliveira na planície, cresci como plátano(Sir 24, 13-14). Santa Maria fez com que à sua volta florescesse o amor a Deus. Levou-o a cabo sem ser notada, porque as suas obras eram coisas de todos os dias, pequenas coisas cheias de amor.

[Voltar ao índice](#)

Os esponsais com José

Está próxima a plenitude dos tempos. A predestinada para ser Mãe de Deus ainda não o sabe. Cresceu e fez-se mulher. Mas a Trindade Santa prepara-lhe um matrimónio santo que guardará a sua virgindade. O Filho de Deus feito homem, Messias de Israel e Redentor do mundo, há-de nascer e crescer no seio de uma família.

É muito provável — todos os indícios apontam nesse sentido — que, naquela altura, os pais da Virgem já tivessem falecido. Maria devia viver em casa de algum parente, que teria tomado conta d'Ela quando ficou órfã. Ao aproximar-se a idade em que as donzelas de Israel costumavam contrair matrimónio, por volta dos quinze anos, o chefe daquela família, como representante do pai de Myriam, teve que se ocupar desse assunto. E acertou-se o matrimónio de Maria com José, o artesão de Nazaré.

Os Evangelhos dão-nos poucas notícias sobre o esposo de Maria. Sabemos que também ele pertencia à casa de David e que era um *varão justo* (Mt 1, 19), quer dizer, um homem que — como afirma a Escritura — *põe o seu enlevo na lei do Senhor e nela medita dia e noite* (Sal 1, 2). A liturgia aplica-lhe umas palavras inspiradas: *o justo florescerá como uma palmeira, crescerá como o cedro do Líbano* (Sal 91[92] 13).

O Evangelho de São Lucas narra que quando o Arcanjo Gabriel lhe anuncia, da parte de Deus, a concepção de um filho, Maria responde: *Como se fará isto. Porque não conheço homem* (Lc 1, 34). Esta resposta, quando era já a prometida de José de Nazaré, não tem senão uma explicação: Maria tinha a firme determinação de

permanecer virgem. Não há motivos humanos que justifiquem essa decisão, estranha naquela época. Toda a jovem israelita, e ainda mais se pertencesse à descendência de David, guardava no seu coração o sonho de se contar entre os ascendentes do Messias. O magistério da Igreja e os teólogos explicam essa firme determinação como fruto de uma inspiração especialíssima do Espírito Santo, que estava a preparar aquela que ia ser Mãe de Deus. Esse mesmo Espírito fez-lhe encontrar o homem que seria o seu esposo virginal.

Não sabemos como Maria e José se encontraram. Se a Virgem, como é provável, habitava já em Nazaré — uma pequena aldeia da Galileia — já se conheceriam há algum tempo. Em qualquer caso, antes de se celebrarem os esponsais, Maria devia ter comunicado a José o seu propósito de virgindade. E José, preparado pelo Espírito Santo, deve ter descoberto nessa revelação uma voz do Céu: muito provavelmente também ele se tinha sentido impulsionado interiormente a dedicar-se de alma e corpo ao Senhor. Não é possível imaginar a concórdia que se estabeleceu imediatamente entre esses dois corações, nem a paz interior que transbordava nas suas almas.

Tudo é muito sobrenatural nesta cena da vida de Maria e, ao mesmo tempo, é tudo muito humano. Essa mesma simplicidade — tão própria das coisas divinas — explica a lenda que depressa se formou sobre os esponsais de Maria e José; um relato cheio de acontecimentos maravilhosos, que a arte e a literatura imortalizaram. Segundo essas fontes, quando Maria chegou à idade de contrair matrimónio, Deus mostrou milagrosamente aos sacerdotes do Templo de Jerusalém e a todo o povo quem era o eleito para esposo de Maria.

O facto histórico deve ter sido muito mais simples. O local dos esponsais pode muito bem ter sido Nazaré. Quando a família de Maria chegou a um acordo com José, celebraram-se os esponsais,

que na Lei moisaica tinham a mesma força que o matrimónio. Passado algum tempo, o esposo devia conduzir a noiva à sua própria casa. Nesse lapso de tempo teve lugar a Anunciação.

Este episódio da vida de Maria reveste-se de grande importância. José era da estirpe real de David e, em virtude do seu matrimónio com Maria, conferirá ao filho da Virgem — Filho de Deus — o título legal de filho de David, cumprindo assim as profecias. A José, de sangue nobre e de espírito ainda mais nobre, a Igreja aplica o elogio que a Sabedoria divina tinha feito a Moisés: *amado de Deus e dos homens, e a sua memória é abençoada (Sir 45, 1)*.

Maria apenas sabe que o Senhor a quis desposar com José, um varão justo que a ama e protege. José apenas sabe que o Senhor deseja que guarde Maria, como preparação para um casamento divino da Virgem com o Espírito Santo. Israel ignora este casal de recém casados. José sempre calado. Maria sempre discreta. Mas Deus enleva-Se e os anjos admiram-se.

[Voltar ao índice](#)

Anunciação de Nossa Senhora

O diálogo mais importante da história teve lugar no interior de uma casa pobre de Nazaré. Os seus protagonistas são o próprio Deus, que se serve do ministério de um Arcanjo e uma Virgem chamada Maria, da casa de David, desposada com um artesão de nome José.

Muito provavelmente Maria encontrava-se recolhida em oração, talvez meditando alguma passagem da Sagrada Escritura referente à salvação prometida pelo Senhor. É assim que a mostra a arte cristã, que se inspirou nessa cena para compor as melhores representações da Virgem. Ou talvez estivesse ocupada nos trabalhos da casa e, nesse caso, também se encontraria absorvida em oração: tudo n'Ela era ocasião e motivo para manter um diálogo constante com Deus.

— *Salve, ó cheia de graça, o Senhor é contigo (Lc 1, 28).*

Ao ouvir estas palavras, Maria *perturbou-se e discorria pensativa que saudação seria esta (Lc 1, 29)*. Fica confusa, não tanto pela aparição do anjo, mas pelas suas palavras. Sobressaltada, questiona-se sobre o motivo de tais louvores. Perturba-se porque, na sua humildade, sente-se pouca coisa. Boa conhecedora da Escritura, dá-se imediatamente conta de que o mensageiro celestial lhe está a transmitir uma mensagem inaudita. Quem é Ela para merecer esses elogios? O que é que fez na sua breve existência? Certamente deseja servir a Deus com todo o seu coração e com toda a sua alma; mas vê-se muito longe daquelas façanhas que valeram louvores a Débora, a Judite, a Ester, mulheres muito exaltadas na Bíblia. No entanto, compreende que a embaixada divina é para Ela. *Ave, gratia plena!*

Neste primeiro momento, Gabriel dirige-se a Maria dando-lhe um nome — *a cheia de graça* — que explica a profunda perturbação de Nossa Senhora. São Lucas utiliza um verbo que, em língua grega, indica que a Virgem de Nazaré estava completamente transformada, santificada pela graça de Deus. Como posteriormente definiria a Igreja, isto tinha ocorrido no primeiro momento da sua concepção, em consideração da missão que havia de cumprir: ser Mãe de Deus na Sua natureza humana, permanecendo ao mesmo tempo Virgem.

O Arcanjo apercebe-se do sobressalto da Senhora e, para a tranquilizar, dirige-se a Ela chamando-a — agora sim — pelo seu próprio nome e explicando-lhe as razões dessa saudação excepcional.

— *Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus; eis que conceberás no teu ventre e darás à luz um filho, a Quem porás o nome de Jesus. Será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus Lhe dará o trono de Seu pai David; reinará sobre a casa de Jacob eternamente e o Seu reino não terá fim (Lc 1, 30-33).*

Maria, que conhece bem as profecias messiânicas e as meditou muitas vezes, compreende que será a Mãe do Messias. Não há na sua resposta a mínima sombra de dúvida ou de incredulidade; sim, desde a sua mais tenra infância, só ansiava por cumprir a Vontade divina! Mas deseja saber como se realizará esse prodígio, pois, inspirada pelo Espírito Santo, tinha decidido entregar-se a Deus em virgindade de coração, de corpo e de mente.

São Gabriel comunica-lhe então o modo diviníssimo em que maternidade e virgindade se conciliarão no seu seio.

— *O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; por isso mesmo o Santo que há-de nascer de ti será chamado Filho de Deus. Eis que também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice; e este é o sexto mês*

da que se dizia estéril, porque a Deus nada é impossível (Lc 1, 35-37):

O anjo cala-se. Um grande silêncio se apodera do céu e da terra, enquanto Maria medita no seu coração a resposta que vai dar ao mensageiro divino. Tudo depende dos lábios desta Virgem: a Encarnação do Filho de Deus, a salvação da humanidade inteira.

Maria não demora. E, ao responder ao convite do Céu, fá-lo com toda a energia da sua vontade. Não se limita a um genérico *dar licença*, mas pronuncia um sim — *fiat!* — no qual envolve toda a sua alma e todo o seu coração, aderindo plenamente à Vontade de Deus: *Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc 1, 38).*

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1, 14). Ao contemplar uma vez mais este mistério da humildade de Deus e a humildade da criatura, irrompemos numa exclamação de gratidão que gostaríamos que não terminasse nunca: «Ó Mãe, Mãe! com essa tua palavra — "fiat" — tornaste-nos irmãos de Deus e herdeiros da Sua glória. — Bendita sejas!» (*Caminho*, n. 512).

[Voltar ao índice](#)

Visitação a Santa Isabel

Isabel, a quem chamavam estéril, vai ser mãe. Maria soube-o por Gabriel, o enviado de Deus. E, pouco depois, *levantou-se, foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá (Lc 1, 39)*. Não a move a curiosidade, nem se põe a caminho para comprovar por si própria o que o anjo lhe comunicou. Maria, humilde, cheia de caridade — de uma caridade que a impele a preocupar-se mais com a sua idosa prima do que consigo própria — vai a casa de Isabel porque pressentiu, na mensagem do Céu, uma secreta relação entre o filho de Isabel e o Filho que Ela traz nas suas entranhas.

O caminho de Nazaré a Ain Karin — a pequena cidade situada nos montes da Judeia, que a tradição identifica com o lugar de residência de Zacarias e Isabel — é longo, uma distância de quase cento e quarenta quilómetros. Provavelmente José organizou a viagem. Trataria de encontrar uma caravana em que a Virgem pudesse viajar segura e talvez ele próprio a acompanhasse, pelo menos até Jerusalém. Alguns comentadores pensam que a acompanhou mesmo até Ain Karin, distante pouco mais de sete quilómetros da capital, embora regressasse em seguida a Nazaré, onde tinha o seu trabalho.

Maria *entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel (Lc 1, 40)*. Algumas tradições locais afirmam que o encontro entre as duas primas ocorreu, não na própria cidade, mas numa casa de campo onde Isabel — como diz o texto sagrado — se ocultou durante cinco meses (cfr. *Lc 1, 24*), para se afastar dos olhares indiscretos de parentes e vizinhos e para elevar a sua alma em agradecimento a Deus, que lhe tinha concedido um tão grande benefício.

Saúda-se a pessoa que chega cansada de uma viagem, mas neste caso é Maria que saúda Isabel. Abraça-a, felicita-a, promete-lhe estar a seu lado. Com Ela entra naquela casa a graça do Senhor, porque Deus a fez sua mediadora. A sua chegada causou uma revolução espiritual. *Quando Isabel ouviu a saudação de Maria — conta São Lucas — o menino saltou-lhe no ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo (Lc 1, 41).*

Foram três os benefícios que Maria levou consigo (cfr. Lc 1, 42-45). Em primeiro lugar, encheu de glória aquela casa: *Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?* Se a visita de uma personalidade importante da terra honra sobremaneira quem o hospeda, que se dirá da honra recebida ao acolher o Filho unigénito do Pai, feito homem no seio de Nossa Senhora? Imediatamente, o Baptista, ainda não nascido, estremeceu e exultou de gozo: ficou santificado pela presença de Jesus Cristo. E Isabel, iluminada pelo Espírito de Deus, irrompeu numa aclamação profética: *logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão-de cumprir as coisas que lhe foram ditas da parte do Senhor.*

A Virgem ia servir e depara-se com que a louvem, que a bendigam, que a proclamem Mãe do Messias, Mãe de Deus. Maria sabe que efectivamente é assim, mas atribui tudo ao Senhor: *porque pôs os olhos na humildade da sua serva: de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações. O Todo-poderoso fez em mim maravilhas, Santo é o seu nome. (Lc 1, 48-49).*

No *Magnificat*, cântico criado pela Virgem — por inspiração do Espírito Santo — com expressões do Antigo Testamento, retrata-se a alma de Maria. É um canto à misericórdia de Deus, grande e onnipotente e, simultaneamente, uma manifestação da humildade de Nossa Senhora. Sem que eu nada tenha feito — vem dizer — o

Senhor quis que se cumprisse em mim o que tinha anunciado aos nossos pais, em favor de Abraão e da sua linhagem, para sempre. *A minha alma glorifica o Senhor*, não porque seja grande, mas porque o Senhor a fez grande.

Maria humilde: escrava de Deus e serva dos homens. Permanece três meses na casa de Isabel, até ao nascimento de João. E, com a sua presença, encherá de graças também Zacarias, para que cante ao Senhor um hino de louvor e de arrependimento, com toda a força da fala recuperada: *Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo (Lc 1, 68)*.

[Voltar ao índice](#)

O nascimento de Jesus

Octávio César Augusto ordenou o censo dos habitantes da urbe romana. A ordem estende-se a todos: do mais rico ao mais pobre. Na Palestina, tem de se fazer de acordo com os hábitos judaicos: cada um na sua cidade de origem. *José foi também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, que se chama Belém, porque era da casa e da família de David para se recensear juntamente com Maria, sua esposa, que estava grávida (Lc 2, 4-5).*

Assim, com esta simplicidade, o evangelista começa a narração do acontecimento que iria mudar a história da humanidade. A viagem era longa, uns cento e vinte quilómetros. Quatro dias de caminho — se tudo decorresse normalmente — nalguma das caravanas que viajavam da Galileia para o sul. Maria não era obrigada a realizá-la; era dever do chefe de família. Mas como deixá-la sozinha, se estava quase a dar à luz? E, sobretudo, como não acompanhar José até à cidade onde — segundo as Escrituras — havia de nascer o Messias? José e Maria devem ter descoberto naquele estranho capricho do longínquo imperador a mão do Altíssimo, que lhes guiava todos os seus passos,.

Belém era uma pequena aldeia. Mas, em virtude do recenseamento, tinha adquirido uma desusada animação. José dirigiu-se com Maria ao oficial imperial para pagar o tributo e inscrever-se com a sua mulher no livro dos súbditos do imperador. Depois, começou a procurar um lugar onde passar a noite. A tradição apresenta-o batendo infrutiferamente de porta em porta. Finalmente vai ao *khan* ou hospedaria pública, onde sempre se pode encontrar

um canto. Não era mais do que um pátio fechado por muros. No centro, uma cisterna fornecia água; à sua volta acomodavam-se os animais de carga e, encostados à parede, uns alpendres para os viajantes, cobertos por um tecto rudimentar. Com frequência estavam divididos por tabiques formando compartimentos, onde cada grupo de hóspedes gozava de uma certa independência.

Não era o lugar oportuno para que a Virgem desse à luz. Imaginamos o sofrimento de José, ao aproximar-se a hora do parto, por não encontrar um lugar adequado. *Não havia para eles lugar na hospedaria (Lc 2, 7)*, escreve laconicamente São Lucas. Alguém, talvez o próprio dono do *khan*, deve ter-lhes indicado que nas proximidades da aldeia, havia grutas que se utilizavam para albergar o gado nas noites frias; poderiam talvez acomodar-se nalguma delas, até que diminuísse a aglomeração de pessoas e se libertasse algum lugar na cidade.

A divina Providência serviu-se destas circunstâncias para mostrar a pobreza e humildade com que o Filho de Deus tinha decidido vir à terra. Todo um exemplo para os que o seguiriam através dos séculos, como explica São Paulo: *conheceis a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, fez-se pobre por vós, a fim de que vós fosseis ricos pela Sua pobreza (2 Cor 8, 9)*. O Rei de Israel, o Desejado de todas as nações, o Filho eterno de Deus, vem ao mundo num lugar próprio para animais. E a Sua Mãe vê-se obrigada a oferecer-Lhe, como primeiro berço, uma manjedoura estreita.

Mas o Onnipotente não quer que passe totalmente inadvertido este acontecimento singular. *Naquela mesma região havia uns pastores, que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho (Lc 2, 8)*. Eles, os últimos da terra, nómadas com os rebanhos que guardavam por conta de outros, serão os primeiros a receber o

anúncio desse enorme portento: o nascimento do Messias prometido.

Apareceu-lhes um anjo do Senhor e a glória do Senhor os envolveu com a sua luz e tiveram grande temor. Porém o anjo disse-lhes: "Não temais porque vos anuncio uma boa nova, que será de grande alegria para todo o povo..." (Lc 2, 9-10). E, depois de lhes comunicar a Boa Nova, deu-lhes um sinal pelo qual poderiam reconhecê-Lo: encontrareis o Menino envolto em panos e deitado numa manjedoura (Lc 2, 12). Imediatamente, diante dos seus olhos assombrados, apareceu uma multidão de anjos que louvava a Deus dizendo: glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens, objecto da boa vontade de Deus (Lc 2, 14).

Puseram-se a caminho. Talvez arranjassem uns presentes para obsequiar a mãe e o recém-nascido. A homenagem foi, para Maria e para José, a prova de que Deus velava pelo Seu Filho. Também eles se encheriam de gozo perante o júbilo ingénuo daquelas pessoas e ponderariam no seu coração como o Senhor se compraz nos pobres e humildes.

Quando acabou a festa, os pastores regressaram ao cuidado dos seus rebanhos, *louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto (Lc 2, 20)*. Depois de dois mil anos, também nós somos convidados a proclamar as maravilhas divinas. *Amanheceu um dia santo; vinde, gentes e adorai o Senhor; porque uma grande luz desceu hoje à terra* (Terceira Missa de Natal, aclamação antes do Evangelho).

[Voltar ao índice](#)

Apresentação de Jesus no Templo

A aglomeração de peregrinos em Belém tinha terminado. Depois do nascimento de Jesus, José encontrou um lugar mais decente para alojar a Sagrada Família. Passados oito dias foi aí que realizou o rito da circuncisão, pelo qual os varões começavam a fazer parte do povo de Israel e o Menino recebeu oficialmente o nome de Jesus, *como lhe tinha chamado o anjo antes que fosse concebido no ventre materno (Lc 2, 21)*. Quarenta dias depois, Maria e José tomaram o Menino, levaram-no a Jerusalém, depois que se *completaram os dias da purificação de Maria, segundo a Lei de Moisés (...), para O apresentar ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor (...) e para oferecer como sacrifício, conforme o que também está escrito na Lei do Senhor: “Um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 2, 22-25)*.

Nem Jesus nem Maria estavam obrigados a seguir estas prescrições. Maria não tinha contraído nenhuma impureza legal, pois tinha concebido e dado à luz virginalmente; nem sequer a lei de resgate do primogénito se aplicava a Jesus, autêntico Cordeiro de Deus que vinha tirar os pecados do mundo. E, no entanto, por três vezes, em poucos versículos, se insiste em que tudo foi levado a cabo em estrita obediência à Lei de Deus.

A Igreja descobre neste episódio uma razão mais profunda. Em primeiro lugar, o cumprimento da profecia de Malaquias: *vai chegar ao Seu Templo o Senhor que procurais, o mensageiro da Aliança, que desejais (Ml 3, 1)*. Além disso, Maria compreendeu que Jesus devia ser conduzido ao Templo, não para O resgatar como aos outros

primogênitos, mas para ser oferecido a Deus em verdadeiro sacrifício. Assim o expressa a Carta aos Hebreus: *entrando no mundo, diz: "Não quiseste sacrifício nem oblação, mas formaste-Me um corpo; os holocaustos e sacrifícios pelo pecado não Te agradaram. Então Eu disse: Eis-Me que venho, segundo está escrito de Mim no rolo do livro, para fazer, ó Deus, a Tua vontade"* (Hb 10, 5-7). A apresentação de Jesus no Templo poder-se-ia comparar, de certo modo, ao Ofertório do Sacrifício do Calvário, que a Missa tornaria presente em todos os pontos do tempo e do espaço. Na preparação desse sacrifício, como depois na sua realização no cume do Gólgota, estava reservado um lugar especial para a Mãe de Jesus. Desde os primeiros momentos da Sua vida terrena, Jesus associa Maria ao sacrifício redentor que tinha vindo cumprir.

Esta participação no mistério da Redenção foi, pouco a pouco, revelada à Virgem. O anjo da Anunciação nada lhe tinha dito a este propósito, mas agora ser-lhe-á comunicado pelas palavras de Simeão, um ancião justo e temente a Deus a quem *tinha sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte sem ver primeiro o Cristo do Senhor* (Lc 2, 26).

O encontro entre a Virgem e ancião deve ter acontecido frente à porta de Nicanor, por onde se acedia ao átrio dos israelitas. Naquele lugar situava-se um dos sacerdotes encarregados de atender as mulheres que ofereciam o sacrifício por si próprias e pelos seus filhos. Maria, acompanhada de José, pôs-se na fila. Enquanto aguardava a sua vez, houve um acontecimento que encheu de assombro os circunstantes. Um venerável ancião aproximou-se da fila. O seu rosto resplandecia de alegria. *Quando os pais levaram o Menino Jesus, para cumprirem as prescrições da Lei a Seu respeito, Simeão tomou o Menino nos braços e louvou a Deus, dizendo: "Agora, Senhor, conforme a Tua promessa, podes deixar o teu servo*

partir em paz. Porque os meus olhos viram a Tua Salvação, que preparaste diante de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória do Teu povo Israel" (Lc 2, 29-32).

Ao ouvir estas palavras, apoderou-se de Maria e de José um sentimento de admiração: o ancião Simeão confirmava-lhes o que o anjo lhes tinha comunicado da parte de Deus. Mas, logo a seguir, aquele anúncio ensombrou a alegria: o Messias cumpriria a Sua missão por meio do sofrimento; e a Mãe ficava misteriosamente associada à dor do Filho. *Simeão abençoou-os e disse a Maria, Mãe do Menino: "Eis que este Menino vai ser causa de queda e elevação de muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição. Quanto a Ti, uma espada há-de atravessar-Te a alma. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações" (Lc 2, 34-35).* Também Ana, uma profetisa com mais de oitenta anos, se associou ao anúncio de Simeão, pois *chegou nesse instante, louvava a Deus e falava do Menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém (Lc 2, 38).*

Do evangelho de São Lucas deduz-se que a Virgem apresentou Jesus só depois de ouvir a profecia. Ofereceu pelo seu resgate *um par de rolas ou dois pombinhos*, a oferenda dos pobres, em lugar do cordeiro prescrito na Lei de Moisés. No entanto, à luz das palavras de Simeão, compreendeu — para além das aparências — que Jesus era o verdadeiro Cordeiro que redimiria os homens dos seus pecados. E que Ela, como Mãe, de um modo que não compreendia, estaria unida estreitamente à sorte do seu Filho.

[Voltar ao índice](#)

Adoração dos magos

A Sagrada Família regressou a Belém. As palavras do velho Simeão ressoavam nos ouvidos de Maria e de José. À memória da Virgem viriam os textos de alguns profetas que, falando do Messias, seu Filho, afirmam que não só seria Rei de Israel, mas receberia as honras de todos os povos da terra.

Isaiás já o tinha anunciado com particular eloquência: *À tua luz caminharão os povos e os reis andarão ao brilho do teu esplendor. Lança um olhar em volta e observa: todos se reuniram e vieram procurar-te (...). Uma grande multidão de camelos te invade, camelos de Madiã e Efa; vêm todos de Sabá, trazendo ouro e incenso e anunciando os louvores de Javé (Is 60, 3-6).*

Entretanto, o tempo decorria na mais absoluta normalidade. Nada fazia pressagiar qualquer acontecimento fora do comum. Até que um dia aconteceu algo extraordinário.

Tendo nascido Jesus em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns Magos vieram do Oriente a Jerusalém, perguntando: Onde está o Rei dos judeus que acaba de nascer? Porque nós vimos a Sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O (Mt 2, 1-2). São Mateus anota que, ao ouvir essa pergunta, o rei Herodes perturbou-se e toda a Jerusalém com ele (Mt 2, 3).

Sabemos muito pouco sobre estas personagens. De qualquer forma, o texto evangélico oferece algumas certezas: tratava-se de uns viajantes procedentes do Oriente, onde tinham descoberto uma estrela de extraordinário fulgor, que os impeliu a deixar as suas casas e partir em busca do Rei dos judeus. Tudo o resto — o seu número, o

país de origem, a natureza da luz celestial, o caminho que seguiram — não passa de mera conjectura, mais ou menos fundada.

A tradição ocidental fala de três personagens, a quem inclusive dá um nome — Melchior, Gaspar e Baltasar — enquanto outras tradições cristãs elevam o seu número para sete e até para doze. O facto de que procedessem do Oriente aponta para as longínquas regiões de além Jordão: o deserto siro-árabe, Mesopotâmia, Pérsia. A favor da origem persa pesa um episódio historicamente comprovado. Quando, nos princípios do século VII, o rei persa Cosroes II invadiu a Palestina, destruiu as basílicas que a piedade cristã tinha edificado em memória do Salvador, excepto uma: a Basílica da Natividade, em Belém. E isto por uma simples razão: na sua entrada figurava a representação de uns personagens vestidos com indumentária persa, numa atitude de prestar homenagem a Jesus nos braços de Sua Mãe.

A palavra *magos*, com que os designa o Evangelho, não tem nada que ver com o que hoje em dia se entende por esse nome. Não eram pessoas dadas à magia, mas homens cultos, muito provavelmente pertencentes a uma casta de estudiosos dos fenómenos celestes, discípulos de Zoroastro, já conhecidos por numerosos autores da Grécia clássica. Por outro lado, é um facto comprovado que a expectativa messiânica de Israel era conhecida nas regiões orientais do Império Romano e inclusive na própria Roma. Não é estranho, pois, que alguns sábios pertencentes à casta dos magos, ao descobrir um astro de extraordinário fulgor, o tivessem interpretado — iluminados interiormente por Deus — como um sinal do nascimento do esperado Rei dos Judeus.

Embora a piedade popular una, de modo quase imediato, o nascimento de Jesus com a chegada dos Magos à Palestina, não se conhece com precisão a época em que teve lugar; sabemos, sim, que Herodes, sentindo-se ameaçado, *inquiriu deles cuidadosamente*,

acerca do tempo em que lhes tinha aparecido a estrela (Mt 2, 7). Depois perguntou aos doutores da Lei pelo lugar de nascimento do Messias e os escribas responderam citando o profeta Miqueias: e tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá um chefe que apascentará Israel, Meu povo (Mt 2, 6). Usando uma mentira, Herodes pôs os Magos a caminho de Belém: ide, informai-vos bem acerca do Menino, e, quando O encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu O vá adorar (Mt 2, 8). O seu propósito era bem diverso, pois propunha-se assassinar todos os meninos nascidos na cidade e na sua comarca, menores de dois anos, para assim se assegurar da morte daquele que — segundo o seu curto entender — lhe vinha disputar o trono. Deduz-se destes dados que a chegada dos Magos ocorreu algum tempo após o nascimento de Jesus; talvez um ano ou ano e meio.

Depois de receberem essa informação os Magos dirigiram-se apressadamente para Belém, cheios de alegria ao ver reaparecer a estrela, que tinha desaparecido misteriosamente em Jerusalém. Este mesmo facto advoga em favor da suposição de que o astro que os guiava não era um fenómeno natural — um cometa, uma conjunção, etc., como se procurou muitas vezes demonstrar — mas um sinal sobrenatural dado por Deus a esses homens escolhidos, e só a eles.

Mal saíram de Jerusalém — prossegue São Mateus — *a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que chegando ao local onde estava o Menino, parou. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, Sua mãe e prostrando-se O adoraram; e abrindo os seus tesouros ofereceram-Lhe presentes de ouro, incenso e mirra (Mt 2, 9-11).*

Os corações de Maria e de José devem ter-se enchido de alegria e gratidão. Alegria porque os anúncios proféticos sobre Jesus

começavam a cumprir-se; agradecimento porque os presentes daqueles homens generosos — predecessores na fé dos cristãos procedentes dos gentios — possivelmente, contribuíram para aliviar uma situação económica precária. José e Maria não puderam corresponder à sua generosidade. Eles, no entanto, consideraram-se suficientemente recompensados pelo olhar e o sorriso de Jesus, que iluminou de novo as suas almas e pelas doces palavras de agradecimento de Sua Mãe, Maria.

[Voltar ao índice](#)

A fuga para o Egito

Tendo partido os Magos de Belém, quando *um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José e lhe disse: «Levanta-te, toma o Menino e Sua Mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o Menino para o matar (Mt 2, 13)*. Num instante, a alegria da Virgem com a visita daqueles personagens, que tinham reconhecido no seu Filho o Messias, transformou-se em dor e angústia. Era bem conhecida a crueldade do velho rei da Palestina, sempre temeroso de que alguém lhe arrebatasse o trono; por isso, tinha mandado assassinar vários dos seus filhos e outras pessoas que lhe podiam fazer sombra, como consta em diversas fontes históricas. O perigo era, pois, grande; mas Deus tinha uns planos de salvação que não podiam deixar de se cumprir pela ambição e pela iniquidade de um tirano. No entanto, o Senhor não faz milagres chamativos, conta com a correspondência das Suas criaturas fiéis. Por isso, os Magos, *depois de avisados em sonhos por Deus para não tornarem a Herodes, voltaram para a sua terra por outro caminho (Mt 2, 12)*.

Também José se comportou com extrema docilidade. Logo que recebeu o aviso divino, *levantando-se de noite, tomou o Menino e Sua Mãe e retirou-se para o Egito (Mt 2, 14)*. Começava a primeira das perseguições que Jesus Cristo tinha que sofrer na terra, ao longo da história, em Si próprio ou nos membros do Seu Corpo místico.

Existiam dois itinerários principais para ir para o Egito. Um mais cómodo, mas também mais frequentado, descia pela margem do Mediterrâneo e atravessava a cidade de Gaza. O outro, menos utilizado, passava por Hebrón e Bersabé, antes de atravessar o

deserto de Idumea e entrar no Sinai. Em qualquer caso, tratava-se de uma longa viagem, de várias centenas de quilómetros, que deve ter durado de dez a catorze dias.

Em Hebrón ou em Bersabé (esta última cidade situada a 60 quilómetros de Belém), devem ter comprado provisões antes de enfrentar a travessia do deserto. É provável que, nesta parte da viagem, se incorporassem nalguma pequena caravana, pois teria sido quase impossível fazê-la sozinhos: o calor extenuante, a falta de água, o perigo de bandidos, tornavam-na absolutamente desaconselhável. O historiador Plutarco narra que os soldados romanos que, no ano 155 antes de Cristo, realizaram essa travessia para combater no Egito, tinham mais medo de enfrentar as agruras do deserto do que a guerra que se dispunham a fazer.

A tradição supõe — e é lógico que assim fosse — que Maria, com o Menino nos braços, cavalgava sobre um jumento, e que José conduziria pela rédea. Mas a fantasia dos escritos apócrifos fez florescer numerosas lendas sobre este episódio; palmeiras que estendem as copas para oferecer uma sombra aos fugitivos, feras que se amansam, salteadores que se tornam humanitários, fontes de água que aparecem de repente para matar a sede... A piedade popular faz-se disso eco em quadros e composições poéticas, com a finalidade louvável de enaltecer o cuidado da Providência divina. A verdade é que se tratou de uma fuga em toda a linha, na qual, aos sofrimentos físicos, se juntava o temor de serem alcançados em qualquer momento por algum pelotão de soldados. Só quando chegaram a Rhinocolura, na fronteira da Palestina com o Egito, se puderam sentir mais tranquilos.

Entretanto, na pequena aldeia de Belém consumava-se a matança de um grupo de crianças menores de dois anos, arrancados dos braços das suas mães. *Cumpriu-se então* — anota São Mateus — o

que estava anunciado pelo profeta Jeremias: "Uma voz se ouviu em Ramá, pranto e grande lamentação; Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem" (Mt 2, 18). Trata-se, indubitavelmente, de uma passagem de difícil compreensão, que foi, por vezes, para muitos, pedra de escândalo: como pôde Deus permitir o sofrimento dos inocentes, especialmente se são crianças? A resposta a esta pergunta apoia-se em dois pontos firmes: Deus não trata os homens como marionetas, mas respeita a sua liberdade, também quando se empenham em fazer o mal; ao mesmo tempo, com a sua Sabedoria e a Sua Providência, sabe retirar bem do mal. Deus escreve direito com as linhas torcidas dos homens. De qualquer forma, só à luz do sacrifício de Cristo na Cruz se esclarece este enigma. A Redenção operou-se por meio do sofrimento do Justo, do Inocente por excelência, que deseja associar os homens ao seu sacrifício.

A tradição não é unânime sobre o lugar da residência da Sagrada Família no Egipto: Menfis, Heliópolis, Leontópolis..., pois no amplo delta do Nilo floresciam muitas comunidades judias. Integraram-se numa delas como uns emigrantes mais, e aí José encontraria um trabalho que lhe permitisse sustentar dignamente, ainda que modestamente, a sua família. De acordo com os cálculos mais comuns, viveram no Egipto pelo menos um ano, até que, de novo, um anjo anunciou a José que já podia regressar à Palestina.

Foram meses de trabalho escondido e de sofrimento silencioso, com a nostalgia da casa abandonada e, ao mesmo tempo, com a alegria de ver crescer Jesus são e forte, longe do perigo que o espreitava. À sua volta contemplavam muita idolatria, tantas figuras de deuses estranhos com rasgos de animais. Mas Maria sabia que Jesus Cristo tinha vindo ao mundo também por aquela gente,

também eles eram destinatárias da Redenção. E a Virgem abraçava-os no seu coração maternal.

[Voltar ao índice](#)

Regresso a Nazaré

Não se sabe com certeza o tempo que durou a estada da Sagrada Família no Egipto. A maior parte dos estudiosos pensa que se prolongou por um ou dois anos. São Mateus, o evangelista que nos relata estes acontecimentos, mostra-se lacónico, como noutras ocasiões. *Morto Herodes — escreve — o Anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, no Egipto e disse-lhe: "Levanta-te, toma o Menino e Sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque morreram os que procuravam tirar a vida ao Menino" (Mt 2, 19-20).*

A resposta do Patriarca foi imediata, como noutras ocasiões: *Ele levantou-se, tomou o Menino e Sua mãe, e voltou para a terra de Israel (Mt 2, 21).* Nem uma dúvida, nem uma vacilação. Apenas o tempo necessário para recolher as ferramentas do seu ofício, os poucos bens de que dispunha. Ter-se-ia despedido das pessoas em cuja companhia tinha vivido aqueles meses e teria feito as diligências adequadas para empreender o regresso.

As tradições coptas indicam que a Sagrada Família fez a viagem de regresso por via marítima, e não por terra. É uma hipótese provável. Uma vez terminado o perigo, este caminho era mais económico e oferecia menos privações do que os trilhos das caravanas terrestres. Provavelmente partiram nalguma das numerosas embarcações que sulcavam o Nilo a partir de Menfis (actualmente Cairo) até Alexandria, onde apanhariam um pequeno barco que, em quatro ou cinco dias, navegando próximo da costa do Mediterrâneo, atracava em Ascalón, Joppe ou Yamnia.

Ao desembarcar, José recolheu informações sobre o novo rei da Judeia. Era Arquelau, filho de Herodes, e quase tão cruel como o pai, pois acabava de decapitar vários milhares de súbditos no próprio Templo. Num primeiro momento, o esposo de Maria tinha pensado estabelecer-se em Belém, lugar do nascimento do Messias; mas como o anjo não tinha indicado nada de concreto — tinha-lhe dito somente que regressasse à terra de Israel — encarou a possibilidade de ir para um lugar que não estivesse sujeito à jurisdição do rei. O Senhor confirmou-o nos seus propósitos por intermédio de um anjo: *ouvindo dizer que Arquelau reinava na Judeia (...), teve medo de ir para lá; e, avisado por Deus em sonhos, retirou-se para a região da Galileia (Mt 2, 22)*. Se a profecia de Miqueias tinha anunciado o nascimento de Jesus em Belém, outros oráculos — como São Mateus indica— designavam Nazaré como o lugar onde o Messias havia de crescer e chegar à idade adulta. *E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, cumprindo-se deste modo o que tinha sido anunciado pelos profetas: "Será chamado nazareno" (Mt 2, 23)*.

A viagem de regresso foi tranquila e repousada, em etapas curtas. Podemos imaginar a emoção da Virgem e do seu Esposo quando, ao atravessar a planície de Esdrelón, já na Galileia, foram descobrindo os locais que lhes eram familiares, nos quais tinham decorrido os anos da sua meninice e adolescência. Em Nazaré reencontraram-se com parentes e amigos, que ficariam assombrados ao vê-los regressar depois de tantos meses sem terem notícias deles. Não faltariam as perguntas embaraçosas, motivadas pelo carinho e uma sã curiosidade, a que responderiam com descrição, para não revelar a verdade sobre Jesus que só eles guardavam no coração.

Instalaram-se numa pequena casa, uma construção pobre contígua a uma das grutas tão frequentes em Nazaré. Talvez a encontrassem em mau estado, depois de tanto tempo sem estar

habitada, mas não se lamentaram: imediatamente puseram mãos à obra. José reparou-a do melhor modo possível, Maria limpou-a com cuidado, talvez ajudada por Maria de Cléofas, sua prima, mãe de Santiago e de José, de Simão e de Judas e de outras pessoas da família.

A vida e o trabalho da Sagrada Família retomaram o seu ritmo quotidiano, sem nenhum acontecimento especial digno de referência. São Lucas, que a partir deste momento retoma a sua narração, refere secamente que *o Menino crescia e fortificava-Se cheio de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele (Lc 2, 40)*. A Virgem Santíssima, como todas as mães, seguia com olhar amoroso o crescimento humano do seu Filho e Senhor, cheia de admiração diante da naturalidade do modo de agir de Deus. José trabalhava com empenho, agradecido de servir com o seu trabalho o mistério da Redenção. Era uma família em que o amor a Deus e aos outros se identificava com os cuidados que dispensavam a Jesus, Verbo eterno do Pai, que aprendia a falar com palavras humanas e a amar com coração de homem.

[Voltar ao índice](#)

Jesus entre os doutores

A Lei de Moisés obrigava os varões israelitas a apresentarem-se diante do Senhor três vezes por ano: na Páscoa, no Pentecostes e na festa dos Tabernáculos. Esse dever não afectava as mulheres nem os meninos antes de completarem 13 anos, idade em que ficavam sujeitos em tudo aos ditames da Lei. No entanto, entre os israelitas piedosos, era frequente que também as mulheres subissem a Jerusalém para adorar a Deus, por vezes na companhia dos filhos.

No tempo de Jesus, era costume que apenas os que residiam a menos de um dia de viagem fizessem essa peregrinação, que além disso se costumava limitar à festa da Páscoa. Como Nazaré distava de Jerusalém vários dias de caminho, também José não estava estritamente obrigado pelo preceito. No entanto, tanto ele como Maria *iam todos os anos a Jerusalém pela festa da Páscoa (Lc 2, 41)*. O evangelista não diz se Jesus os acompanhava nessas ocasiões, como era frequente nas famílias piedosas. Só agora fala expressamente desta viagem, talvez para fixar cronologicamente o episódio que se dispõe a relatar, talvez porque o Menino, entrado já no décimo terceiro ano de vida, podia considerar-se obrigado ao preceito. E assim, *quando chegou aos doze anos, foram a Jerusalém segundo o costume daquela festa (Lc 2, 42)*.

Jerusalém era uma massa fervilhante de peregrinos e comerciantes. Tinham chegado caravanas das regiões mais remotas: dos desertos da Arábia, das margens do Nilo, das montanhas da Síria, das cultas cidades da Grécia... Reinava a confusão por todo o lado: burros, camelos e bagagem enchiam as ruas e os arredores da

cidade. E no Templo, os fiéis aglomeravam-se para oferecer os seus sacrifícios e fazer as suas orações.

Com não menos confusão se preparavam para o regresso para o lugar da procedência, homens e mulheres em separado; as crianças, de acordo com a idade, podiam juntar-se a um ou a outro grupo. Não havia uma organização férrea; bastava saber o lugar e a hora aproximada da partida. Não é estranho que, *acabados os dias que ela (a festa) durava, quando voltaram, o Menino ficou em Jerusalém, sem que os Seus pais o advertissem (Lc 2, 43)*.

Maria e José não se aperceberam até que, ao cair a tarde do primeiro dia de viagem, as caravanas da Galileia fizeram uma paragem no caminho para passar a noite. Que angústia a sua, quando notaram a falta de Jesus! Gastaram as horas que restavam do dia *procurando-O entre os parentes e conhecidos (Lc 2, 44)*. A toda a pressa, talvez nessa mesma noite, regressaram a Jerusalém à Sua procura. Encaminharam-se para o local onde tinham comido o cordeiro pascal, foram ao Templo, perguntaram aos amigos e conhecidos que encontravam pelas ruas. Tudo em vão, ninguém tinha visto Jesus. Podemos imaginar os pensamentos de Nossa Senhora: seria esta a espada de dor, predita por Simeão, que lhe ia atravessar o coração?

Assim decorreu o segundo dia, com ansiedade e dor. Voltaram uma e outra vez a percorrer os locais onde tinham estado, até que ao terceiro dia de buscas O encontraram no Templo, seguramente num dos salões, situados junto aos átrios, que os escribas utilizavam para dar as suas lições. Era uma cena frequente nos dias de festa: o mestre, num assento de cerimónia em local elevado, para ser bem visto e ouvido, com um rolo do livro sagrado nas mãos, explicava alguma passagem da Escritura aos ouvintes, que escutavam sentados no chão. De vez em quando, o escriba fazia alguma pergunta ao

auditório, à qual respondiam os alunos mais adiantados. Foi assim que José e Maria encontraram Jesus: *sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os O ouviam estavam maravilhados da Sua sabedoria e das Suas respostas (Lc 2, 46-47).*

Também a Nossa Senhora e o seu Esposo, *quando O viram, admiraram-se (Lc 2, 48).* Mas o seu assombro não se devia à sabedoria das respostas, mas ao facto de ser a primeira vez que sucedia algo semelhante: Jesus, o filho obedientíssimo, tinha ficado em Jerusalém sem os avisar. Não se tinha perdido; tinha-os abandonado voluntariamente.

- Filho, porque procedeste assim connosco? Eis que teu pai e eu Te procurávamos cheios de aflição. Ele disse-lhes: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-Me nas coisas de Meu Pai? Eles, porém, não entenderam o que lhes disse (Lc 2, 48-50).

Ao receber essa resposta, sem a compreender, Maria e José acataram os planos de Deus, com uma humildade e uma docilidade plenas. É uma lição para todos os cristãos, que nos convida a aceitar com amor as manifestações da Providência divina, ainda que por vezes não as entendamos.

[Voltar ao índice](#)

Os anos de Nazaré

Depois de ter narrado o encontro do Menino Jesus entre os doutores do Templo, o Evangelho continua: *desceu com eles e foi para Nazaré; e era-lhes submisso. A Sua Mãe guardava todas estas coisas no seu coração. Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 51-52).*

Em dois versículos do evangelho resumem-se dezoito anos da vida de Jesus e de Maria. Anos em que a Sagrada Família leva uma existência como a dos outros habitantes de Nazaré, mas repleta de amor. Anos decisivos na epopeia da Redenção, que o Verbo encarnado estava já a levar a cabo por meio da obediência e do trabalho, no contexto de uma vida normal.

Depressa ficou para trás aquele acontecimento do Templo, mas as palavras que Jesus lhes disse nessa altura ofereceram a José e a Maria constante tema de meditação. Perceberam, com uma luz nova, o sentido da vida de Jesus na terra, toda voltada para o cumprimento da missão que o Pai celestial lhe tinha confiado. E, embora deva ter deixado uma profunda marca nas suas almas, a vida em Nazaré prosseguiu como habitualmente.

Cada dia tinha as suas próprias ocupações. As tarefas de Maria eram as próprias de uma dona de casa: caminhadas à única fonte da aldeia para encher o cântaro de água fresca; amassar a farinha e levá-la ao forno para fazer o pão da semana; manter a casa limpa e agradável, servindo-se talvez também de flores simples que dessem cor e aroma ao ambiente; fiar a lã macia e o linho suave e tecer depois os panos necessários; ocupar-se das compras imprescindíveis

quando chegava à aldeia um vendedor ambulante apregoando as suas mercadorias... Mil tarefas domésticas que Maria realizava como as outras mulheres da aldeia, mas com um imenso amor.

Quando o Menino era ainda pequeno, acompanharia a Sua Mãe nas tarefas caseiras ou nas suas deslocações pela aldeia. À medida que foi crescendo, passaria mais tempo com José. Durante os anos que agora nos ocupam, começaria a ajudá-lo no seu trabalho, que era abundante. A oficina de José era como as outras existentes naquele tempo na Palestina. Talvez fosse a única de Nazaré, uma aldeia pequena. Cheirava a madeira e a limpo. Os trabalhos que se realizavam eram os próprios do ofício de artesão, como o designa o Evangelho, em que se fazia um pouco de tudo: fazer uma viga, fabricar um armário simples, arranjar uma mesa ou um telhado, passar a plaina numa porta que não encaixava bem... Jesus, primeiro adolescente e depois jovem, aprendeu de José a trabalhar bem, com cuidado nos detalhes, com um sorriso acolhedor para o cliente, cobrando o justo, embora concedendo facilidades de pagamento a quem estivesse a passar uma temporada de apuros económicos.

Um dia José morreu. Jesus tinha crescido, já se podia encarregar da casa e cuidar da Sua Mãe. Maria e Jesus devem ter chorado ao enfrentar esse transe, enquanto o Santo Patriarca, acompanhado muito de perto pelos seus dois grandes amores, expirava em paz. Tinha cumprido a sua missão.

Com a morte do Patriarca, a Mãe e o Filho estreitaram ainda mais a sua intimidade. Quantas vezes o recordariam nas suas conversas a sós, ou com outros membros da família, nas longas veladas do inverno, ao calor da lareira! E iriam desfiando tantos detalhes do esquecimento de si próprio, do serviço aos outros, que constituíam o quadro da vida de José, o artesão.

Na tranquila paz daquela casa, Maria continuou as suas tarefas de sempre: cozinhar e lavar louça; moer e amassar a farinha; coser as vestes de Jesus e as suas; receber com um gesto amável as pessoas que a iam visitar... Cada vez com mais amor, pois tinha perto, muito perto, ao seu lado, Aquele que é a Fonte do Amor. No entanto, a sua vida não chamava a atenção dos parentes e vizinhos. Nem sequer a sua doçura e delicadeza, que atraía a todos e fazia com que todos se sentissem bem ao seu lado. Porque era como o orvalho, que dá frescura e cor aos campos e mal se chega a ver.

E enquanto Jesus crescia e trabalhava, a Virgem *guardava todas estas coisas no seu coração* (Lc 2, 51), ponderando-as e meditando-as, fazendo de cada uma ocasião e tema do seu diálogo ininterrupto com Deus.

[Voltar ao índice](#)

As bodas de Caná

Ao terminar o longo período de Nazaré, o Senhor começou a pregar a chegada do reino de Deus. Todos os evangelistas registam o primeiro ato desta nova etapa: a receção do batismo que o Precursor administrava nas margens do Jordão. No entanto, só São João assinala a presença da Virgem nesses começos da vida pública: *três dias depois — anota — celebrava-se um casamento em Caná da Galileia e estava lá a Mãe de Jesus. Jesus com os Seus discípulos foi também convidado para a boda (Jo 2, 1-2).*

Uma leitura rápida do texto leva a constatar, simplesmente, que Jesus realiza um milagre a pedido da Sua Mãe. A celebração das bodas durava sete dias; e numa aldeia pequena, como Caná, é provável que todos os habitantes participassem de um modo ou de outro nos festejos. Jesus apresentou-Se na companhia dos primeiros discípulos. Não é estranho que, com tantos convivas, o vinho acabasse por escassear. Maria, sempre atenta às necessidades dos outros, foi a primeira a dar conta disso e comunicou-o ao seu Filho: *não têm vinho (Jo 2, 3)*. Depois de uma resposta difícil de interpretar, Jesus atendeu a petição de Sua Mãe e realizou o grande milagre da conversão da água em vinho.

No entanto, o que João nos deseja relatar não acaba aí. Quando escreve o seu evangelho, no final da vida, iluminado pelo Espírito Santo, meditou longamente sobre os milagres e os ensinamentos de Jesus. Aprofundou no significado deste primeiro sinal e põe em relevo o seu sentido mais profundo. Assim o afirma o Magistério

pontifício recente, aceitando as conclusões a que chegaram os estudiosos da Sagrada Escritura nos últimos decênios.

A precisão cronológica com que o evangelista situa o acontecimento tem um profundo significado. Segundo o livro do Êxodo, a manifestação de Deus a Israel para fazer a aliança teve lugar três dias depois de ter chegado ao monte Sinai. Agora, *três dias* depois do regresso à Galileia em companhia dos primeiros discípulos, Jesus vai manifestar a Sua glória pela primeira vez. Por outro lado, a glorificação plena da Sua Santa Humanidade teve lugar três dias depois da morte, mediante a ressurreição.

Para além do facto histórico das bodas, João salienta que a presença de Maria no princípio e no final da vida pública de Jesus obedece a um desígnio divino. O apelativo com que o Senhor se dirige a Ela em Caná — chamando-lhe *mulher* em vez de *mãe* — parece manifestar a Sua intenção de formar uma família fundada, não nos laços de sangue, mas sobre a fé. Vem espontaneamente à memória que Deus se dirigiu a Eva do mesmo modo no Paraíso, quando prometeu que da sua descendência sairia o Redentor (cfr. Gn 3, 15). Em Caná, pois, Maria apercebe-se de que a sua missão materna não termina no plano natural: Deus conta com Ela para ser Mãe espiritual dos discípulos do seu Filho, nos quais a partir desse momento, graças à sua intervenção junto de Jesus, começa a nascer a fé no Messias prometido. O próprio São João o afirma no final da narração: *foi este o primeiro milagre de Jesus; fê-lo em Caná da Galileia. Assim manifestou a Sua glória e os Seus discípulos acreditaram n'Ele (Jo 2, 11).*

A maior parte dos estudiosos afirma que essas bodas são um símbolo da união do Verbo com a humanidade. Os profetas tinham-no anunciado: *selarei convosco uma aliança eterna (...). Nações que não conhecias correrão para Ti (Is 55, 3.5).* E os Padres da Igreja

tinham explicado que a água das talhas de pedra, *preparadas para a purificação judaica* (Jo 2, 6), representavam a antiga Lei, que Jesus vai levar à perfeição mediante a nova Lei do Espírito impressa nos corações.

A nova aliança prometida no Antigo Testamento para os tempos messiânicos anunciava-se com a imagem de um banquete de casamento; abundaria todo o tipo de bens, especialmente o vinho. É significativo que, no relato de São João, precisamente o vinho tenha grande protagonismo: é mencionado cinco vezes e afirma-se que o que Jesus fez surgir com o Seu poder era melhor do que o que começou a faltar (cfr. Jo 2,10). É também notável o volume de água convertida em vinho: mais de 500 litros. Esta superabundância é típica dos tempos messiânicos.

Mulher, que nos importa isso Mim e a ti? Ainda não chegou a Minha hora (Jo 2, 4). Qualquer que seja o significado exato destas palavras (que, além disso, estariam matizadas pelo tom da voz, a expressão do rosto, etc.), torna-se claro que a Virgem não perde a confiança no Seu Filho: deixou o assunto nas Suas mãos e dirige aos servos uma exortação — *fazei tudo o que Ele vos disser* (Jo 2, 5) — que são as últimas palavras Suas recolhidas no Evangelho.

Nesta breve frase ressoa o eco do que o povo de Israel respondeu a Moisés quando, da parte de Deus, pedia o seu assentimento à aliança do Sinai: *faremos tudo o que o Senhor nos disse* (Ex 19, 8). Aqueles homens e mulheres foram muitas vezes infiéis ao pacto com o Senhor; os servos de Caná, pelo contrário, obedeceram com prontidão e plenamente. Jesus disse-lhes: *Enchei as talhas de água. Encheram-nas até cima. Então Jesus disse-lhes: Tirai-o agora, e levai ao chefe de mesa. Eles levaram* (Jo 2, 7-8).

[Voltar ao índice](#)

Junto à Cruz de Jesus

Passaram quase três anos desde o primeiro milagre de Jesus, em Caná da Galileia. O Evangelho quase não nos fala da Virgem Santíssima, nesse lapso de tempo. Talvez, nalgumas ocasiões, fizesse parte do grupo de mulheres que acompanhavam o Senhor nas suas deslocações (cfr. Lc 8, 1-3). No entanto, os evangelistas assinalam a sua presença física uma só vez: quando, em companhia de outros parentes que vão ver Jesus, não podendo entrar na casa onde se alojava por causa da multidão, mandaram-nO chamar. A resposta do Senhor foi eloquente: *Quem é Minha mãe e quem são Meus irmãos? E, olhando para os que estavam sentados à volta d'Ele, disse: «Eis Minha mãe e Meus irmãos. Porque quem fizer a Vontade de Deus, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe (Mc 3, 33-35).* Era o maior elogio da Virgem Maria, a criatura que melhor que ninguém soube cumprir a Vontade do Pai celestial.

O silêncio dos Evangelhos faz supor – como expõe o Papa João Paulo II numa das suas catequeses marianas – que a Virgem não acompanhou habitualmente Cristo nas suas viagens pela Palestina; seguia-O de longe, embora unida espiritualmente a Ele em todo os momentos, com uma proximidade muito maior do que a dos discípulos e a das santas mulheres. De qualquer forma, João mostra que se encontrava em Jerusalém durante a última Páscoa do Senhor. Talvez tenha ido à Cidade Santa noutras festas semelhantes; mas o Evangelista só agora o assinala expressamente, e fá-lo no contexto do Sacrifício redentor. *Estavam, de pé, junto à Cruz de Jesus, Sua Mãe – escreve – a irmã de Sua Mãe, Maria de Cleofas e Maria Madalena*

(Jo 19, 25). Logo de seguida transmite-nos as palavras que o Senhor dirige a Sua Mãe e a ele próprio, que também lá se encontrava; umas palavras de profundo significado.

Seria muito redutor entender estas palavras de Cristo, no momento supremo da Redenção, como uma simples preocupação, por assim dizer, *familiar*, a do filho que encarrega alguém do cuidado da sua mãe. Encontramo-nos diante de um dos factos mais importantes para entender o papel de Nossa Senhora na obra da Salvação. Já em Caná, Jesus tinha deixado claro que a missão materna de Maria em Nazaré, durante os anos da vida oculta, ia prolongar-se na nova família da Igreja. Os recentes estudos mariológicos põem em relevo – e foram recolhidos pelo Magistério ordinário da Igreja – que estamos diante de uma "cena de revelação" típica do quarto evangelho, o *evangelho dos sinais* por antonomásia. Jesus olha para Maria, dirige-se a Ela com o apelativo *Mulher*, como em Caná e, indicando o discípulo amado, diz: «*Mulher, eis o teu filho*» (Jo 19, 26). Depois, olhando para João, acrescenta: «*Eis a tua mãe*» (Jo 19, 27).

Nem a Nossa Senhora, nem a João os chama pelos seus nomes. Maria é a nova Eva que, em união com o novo Adão e subordinada a Ele, é chamada a prestar a sua mediação materna na obra da Redenção. E o evangelista encontra-se aí na qualidade de discípulo fiel, como representante de todos os que haviam de crer em Jesus Cristo até ao fim dos séculos. As palavras do Senhor – palavras de Deus e, portanto, palavras criadoras como as do princípio do mundo – realizam o que significam. A partir desse momento, Maria é constituída Mãe de todos os que viriam à Igreja: *Mater Ecclesiae*, como a chamou Paulo VI ao terminar o Concílio Vaticano II. O seu ventre frutificou numa nova maternidade, espiritual, mas verdadeira;

e dolorosa, porque naqueles momentos se cumpria à letra a profecia do velho Simeão: *uma espada trespassará a tua alma (Lc 2, 35)*.

Também o coração do discípulo se abriu, nesse mesmo momento, para a consciência de uma filiação – verdadeira, real – que o fazia irmão de Jesus e filho da Sua própria Mãe. Por isso acrescenta: *e desde aquela hora o discípulo recebeu-a na sua casa (Jo 19, 27)*; quer dizer, introduziu-a no espaço da sua vida interior, acolheu-a – como verdadeira Mãe – entre os seus bens mais preciosos. A partir daquele instante, e até ao momento da Dormição da Santíssima Virgem, João nunca mais se separou d’Ela.

Só depois da entrega do discípulo à Mãe e da Mãe ao discípulo, Jesus podia dizer que tudo estava consumado, como refere expressamente São João. Depois, após manifestar a Sua sede – sede de almas – para que se cumprisse a Escritura, Jesus clamou com voz forte: *consummatum est!*, tudo está cumprido. *E inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19, 30)*.

[Voltar ao índice](#)

Sepultura de Cristo

Jesus estava morto desde as três da tarde: a hora em que se sacrificavam os cordeiros no templo para a ceia pascal já iminente. O quarto evangelho sublinha esse simbolismo desde os primeiros capítulos, quando – diante de um grupo de discípulos – põe na boca do Batista que, está indicando Jesus, estas palavras: *Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo (Jo 1,29)*. Maria permanecia ao pé da Cruz, com João e as santas mulheres. Não podia afastar-se desse lugar, com o olhar fixo em seu Filho. Faltavam-lhe ainda vários desgostos amargos, antes de poder depositar seu corpo no sepulcro.

Ao por do sol, perto das seis da tarde, já começava o sábado que, naquele ano era muito solene pois coincidia com a Páscoa dos hebreus. Não era conveniente que, numa festividade tão grande, os corpos dos condenados continuassem pendentes das cruzes. Por isso um grupo de notáveis dirigiu-se a Pilatos *rogando-lhe que mandasse quebrar as pernas dos crucificados e os tirasse da cruz (Jo 19, 31)*. O Procurador romano enviou alguns soldados com esse encargo penoso. Podemos imaginar o sobressalto de Maria quando viu aparecer no Calvário esse pelotão armado de lanças. São João descreve a cena: *Quebraram as pernas, primeiro a um dos crucificados com ele e depois ao outro. Chegando a Jesus, viram que estava morto. Por isso, não lhe quebraram as pernas, mas um soldado golpeou-lhe o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água (Jo 19, 32-34)*.

A lança atravessou o coração de Jesus já morto e feriu profundamente a alma de Maria, cumprindo a profecia de Simeão: *Uma espada traspassará a tua alma!* (cfr. *Lc 2, 35*). São João, testemunha ocular, viu neste episódio a realização de outras profecias; especialmente aquela referente ao cordeiro pascal: *Não quebrarão nenhum dos seus ossos* (*Jo 19, 36*; cfr. *Ex 12, 46*). E um outro texto da Escritura diz: *Olharão para aquele que traspassaram* (*Jo 19, 37*; cfr. *Zc 12, 10*).

O tempo urgia. José de Arimateia e Nicodemos, homens tementes a Deus e membros do Sinédrio, discípulos ocultos do Senhor, apresentaram-se diante de Pilatos pedindo com audácia que lhes concedesse o corpo do Senhor. Uma vez certificado da morte, Pilatos concedeu a sua autorização. E então apresentou-se José acompanhado de uma grupo de servos que levavam consigo escadas para descer o corpo da cruz, vendas e um lençol grande. Nicodemos foi também, *e trouxe uns trinta quilos de perfume feito de mirra e de aloés* (*Jo 19, 39*): *uma quantidade enorme de perfume, digna da sepultura de um rei. Pegaram no corpo de Jesus e envolveram-no, com os perfumes, em faixas de linho, do modo como os judeus costumam sepultar* (*Jo 19, 40*).

A piedade cristã deteve-se nesta passagem do Evangelho para contemplar com emoção e recolhimento a imagem de Maria com o seu Filho morto nos seus braços. É a célebre cena da *Pietà*, imortalizada na arte por inumeráveis pintores e escultores. Talvez tenha sido neste momento, olhando para o corpo martirizado de Cristo, apenas limpo o indispensável, que Nossa Senhora e as mulheres entoaram as suas lamentações, como era habitual nos antigos povos do Médio Oriente e como é frequente ainda agora em muitos lugares. O Evangelho é parco em detalhes; porém, em antigos documentos da tradição, esta cena é detalhada, colocando na boca de

Maria – como faz, por exemplo, São Efrém, no século IV – lamentações em que Maria expressa a sua dor, ao mesmo tempo em que adere totalmente à Vontade divina.

Por fim, colocaram o corpo de Jesus numa propriedade de José situada a poucos metros do Calvário. *Havia um jardim e, no jardim, um túmulo novo, onde ninguém tinha sido ainda sepultado. Por ser dia de preparação para os judeus, e como o túmulo estava perto, foi lá que colocaram Jesus (Jo 19, 41-42). José de Arimateia rolou uma grande pedra na entrada do túmulo e retirou-se (Mt 27, 60).* Estava a ponto de começar o grande e solene sábado. No dia seguinte, apesar da festa, uma embaixada dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus pediu a Pilatos que pusesse uma guarda de soldados nesse lugar. Pilatos assentiu. *Então eles foram assegurar o sepulcro: lacraram a pedra e deixaram ali a guarda (Mt 27,66).*

A fé em Jesus Cristo, o Messias e Filho de Deus, parecia ter acabado sobre a terra. Porém brilhava com força no coração de sua Mãe, que não havia esquecido a promessa do seu Filho: *Depois de três dias vou ressuscitar (Mt 27, 63).*

[Voltar ao índice](#)

Ressurreição e Ascensão do Senhor

Ao amanhecer do terceiro dia, passado o sábado, Maria Madalena, Maria, a de Santiago e Salomé puseram-se a caminho para o sepulcro de Jesus. O amor estimulava-as a prestar os últimos serviços ao corpo morto do Senhor, que não tinham podido levar a cabo na tarde de sexta-feira. Enquanto caminhavam, perguntavam umas às outras: *quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro?* (Mc 16, 3). Com efeito, tratava-se de uma espécie de roda de moinho que vários homens tinham colocado para fechar a sepultura.

Chama a atenção que os evangelhos não mencionem a Santíssima Virgem. Depois de ter anotado a sua presença junto da Cruz, a figura de Nossa Senhora não volta a aparecer até depois da Ascensão, quando São Lucas, no princípio do livro dos Atos dos Apóstolos, assinala que Maria se encontrava no Cenáculo de Jerusalém, com os Apóstolos, as outras mulheres que tinham seguido o Senhor desde a Galileia e vários dos seus parentes (cfr. Act 1, 12-14).

Este silêncio é muito eloquente. Maria, ao contrário de todos os outros, acreditava firmemente na palavra do seu Filho, que tinha predito a sua ressurreição de entre os mortos ao terceiro dia. Por isso, desde a mais remota antiguidade, os cristãos pensaram que passou a noite de sábado para Domingo de vela, à espera do momento em que Jesus cumpriria a Sua promessa. Podemos pensar que, com a ajuda de João — que não se separava d'Ela desde que a tinha recebido por mãe junto da cruz — dedicou as horas anteriores a reunir os discípulos do Mestre, procurando fortalecê-los na fé e na

esperança, sobretudo os que tinham sido cobardes naqueles momentos dolorosos.

Enquanto despontava a alba do novo dia — que rapidamente começaria a chamar-se *dies dominicus*, dia do Senhor — Nossa Senhora mergulhava cada vez mais na oração. A fé e a esperança da Igreja nascente estavam concentradas n’Ela. E é sentir comum que a primeira aparição do Senhor ressuscitado foi a Sua Mãe; não para que acreditasse, mas como prêmio da sua fidelidade e consolo na sua dor. Depois, com o passar das horas, a notícia correu de boca em boca; primeiro entre os discípulos, a quem as mulheres que tinham ido ao sepulcro comunicaram, e depois a círculos cada vez mais amplos.

No entanto, em Jerusalém os ânimos estavam ainda alvoraçados; a crucifixão de Cristo não tinha aplacado os ódios dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos. Sobre os Apóstolos pendia um sério perigo, o de serem acusados de roubo e ocultamento do cadáver. Talvez por esta razão, os anjos recordaram às mulheres — para que o comunicassem aos discípulos — o que o próprio Jesus lhes tinha dito antes da paixão: que fossem para a Galileia (cfr. *Lc 24, 8*).

Aquele primeiro Domingo esteve cheio de idas e vindas ao sepulcro vazio. Terminou com a aparição de Jesus aos Apóstolos no Cenáculo, a que se seguiria outra no mesmo lugar, uma semana depois (cfr. *Jo 20, 19 ss*). Devem ter empreendido logo a viagem para a Galileia, com Maria entre eles, pelos caminhos percorridos outras vezes com Jesus em alegre companhia.

À espera das manifestações do Mestre, os Apóstolos voltaram ao seu trabalho da pesca (cfr. *Jo 21, 1 ss*) enquanto a Virgem, certamente alojada na casa de Cafarnaum onde antes tinha vivido, continuava a fortalecer a todos na fé e no amor.

Pouco a pouco os ânimos hostis acalmaram-se, os Apóstolos e os discípulos viram fortalecida a sua fé na ressurreição; dos encontros com o Senhor — os evangelhos relatam-nos apenas alguns — saíam entusiasmados, alegres, otimistas frente ao futuro. Até que, num momento determinado, Jesus reuniu os mais íntimos em Jerusalém para lhes transmitir os últimos ensinamentos e recomendações, porque se aproximava a partida definitiva.

Foi numa tarde, após terem comido juntos a última refeição. No cimo ou na encosta do Monte das Oliveiras, com Jerusalém a seus pés, tiveram a última reunião em família com o Mestre. Provavelmente os seus corações tenham ficado um pouco apertados, pensando que já não O veriam mais. Mas o próprio Senhor, adiantando-Se, assegurou-lhes que continuaria com eles de um modo novo (cfr. *Mt 28, 20*).

[Voltar ao índice](#)

A vinda do Espírito Santo

Uma vez que Jesus Cristo subiu ao Céu, as testemunhas desse facto maravilhoso *regressaram a Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, que dista de Jerusalém a jornada de um sábado. Logo que chegaram, subiram ao cenáculo, onde permaneciam habitualmente Pedro, João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago filho de Alfeu e Simão o Zelador, e Judas irmão de Tiago. Todos eles perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres e com Maria, a mãe de Jesus e os Seus irmãos (Act 1, 12-14).*

Cumpriam o mandato de Jesus, que lhes tinha dito que aguardassem na Cidade Santa o envio do Consolador prometido. Foram dez dias de espera, todos à volta de Maria. Que humanamente lógico é o que nos conta a Sagrada Escritura! Ao perder a companhia física do seu Mestre, os mais íntimos reúnem-se em torno da Mãe, que tanto lhes recordaria Jesus: nas feições, no timbre da voz, no olhar carinhoso e maternal, nas delicadezas do seu coração e, sobretudo, na paz que derramava à sua volta. Além dos Apóstolos e das santas mulheres, encontramos os parentes mais próximos do Senhor, esses mesmos que antes tinham duvidado d'Ele, e que agora, convertidos, se estreitam em torno da Virgem de Nazaré.

É fácil imaginar a vida naquele Cenáculo, que devia ser amplo para acolher tantas pessoas. Os dados da tradição não permitem assegurar com certeza de quem era aquela casa, embora duas hipóteses pareçam ser as mais seguras: ou se tratava da casa da mãe de Marcos, o futuro evangelista, a que se refere mais adiante o texto

sagrado (cfr. Act 12, 12), ou pode ser a casa que a família de João evangelista tinha na Cidade Santa. Em qualquer caso, a oração unânime dos discípulos com Maria produziu logo um primeiro resultado: a eleição de Matias para ocupar o lugar de Judas Iscariotes. Uma vez completado o número dos doze Apóstolos, continuaram a rezar à espera da efusão do Espírito Santo que Jesus lhes tinha prometido.

Mas nem tudo era rezar; deviam ocupar-se de muito mais tarefas; embora, no fundo, tudo o que faziam era verdadeira oração, porque o seu pensamento estava continuamente em Jesus e tinham com eles Maria. Podemos imaginar as conversas — verdadeiras tertúlias — com a Virgem. Agora que tinham visto Cristo ressuscitado e contemplado a sua ascensão ao Céu, desejavam conhecer muitos detalhes da vida — também da infância — do seu Mestre. E ali estava a Mãe, evocando aquelas recordações sempre vivas no seu coração: o anúncio de Gabriel nos anos já longínquos de Nazaré, os esponsais com José — que muitos deles não tinham conhecido — o nascimento em Belém, a adoração dos pastores e os magos, a fuga para Egipto, a vida de trabalho na oficina de Nazaré... Quantos temas ofereciam as palavras de Maria à oração dos discípulos! Com que nova luz deviam ver todos os acontecimentos vividos junto do Mestre, nos três anos em que O acompanharam por terras da Palestina! Junto de Maria, a Virgem fiel, acendia-se neles a fé, a esperança e o amor: a melhor preparação para receber o Paráclito.

Por fim, ao completarem-se os dias do Pentecostes, *veio do céu um estrondo, como de vento que sopra impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam. Apareceram-lhes repartidas umas como línguas de fogo, das quais poisou uma em cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo (Act 2, 2-4).*

A maravilha do acontecimento chegou à multidão que havia, nessa altura em Jerusalém: *Partos, Medos, Elamitas, os que habitam a Mesopotâmia, a Judeia, a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília...* (Act 2, 9 ss.). Pedro falou à multidão, estimulado pela força do Espírito Santo. Depois chegaria a dispersão dos Apóstolos pela Galileia, Samaria e até aos últimos confins da terra, levando a todas as partes a boa nova do reino de Deus.

Maria agradecia a Deus a conversão daquelas primícias da pregação apostólica, e a incontável multidão de fiéis que viriam à Igreja no decurso dos séculos. Todos tinham lugar no seu coração de mãe, que Deus lhe tinha outorgado no momento da encarnação do Verbo e que Jesus lhe tinha confirmado do madeiro da Cruz, na pessoa do discípulo amado.

[Voltar ao índice](#)

Dormição e Assunção de Nossa Senhora

Os últimos anos de Maria sobre a terra — os que decorreram desde o Pentecostes até à Assunção — permaneceram envolvidos numa tão espessa neblina que quase não é possível entrevê-los com o olhar, e muito menos penetrar neles. A Escritura cala e a Tradição faz-nos chegar apenas ecos longínquos e incertos. A sua existência decorreu calada e laboriosa: como fonte escondida que dá aroma às flores e frescura aos frutos. *Hortus conclusus, fons signatus* (Ct 4, 12), a liturgia chama-lhe com palavras da Sagrada Escritura, horto fechado, fonte selada. E também: *uma fonte de água viva, um riacho que corre do Líbano* (*Ibid.* 15). Como quando estava junto de Jesus, passou inadvertida, velando pela Igreja nos seus começos.

É claro que viveu, sem qualquer dúvida, junto de São João, pois tinha sido confiada aos seus cuidados filiais. E São João, nos anos que se seguiram ao Pentecostes, morou habitualmente em Jerusalém; aí o encontramos constantemente ao lado de São Pedro. Na época da viagem de São Paulo, nas vésperas do Concílio de Jerusalém, pelo ano 50 (cfr. *Act*, 15, 1-34), o discípulo amado figura entre *as colunas da Igreja* (*Gal* 2, 9). Se Maria estava ainda ao seu lado, deveria ter perto de 70 anos, como afirmam algumas tradições: a idade em que a Sagrada Escritura cifra a maturidade da vida humana (cfr. *Sal* 89, 10). Mas o lugar de Maria estava no Céu, onde o seu Filho a esperava. E assim, um dia que para nós permanece desconhecido, Jesus levou-a consigo para a glória celestial. Ao declarar o dogma da Assunção de Maria, em 1950, o Papa Pio XII não quis estabelecer se Nossa Senhora morreu e ressuscitou a seguir,

ou se foi diretamente para o Céu sem passar pelo transe da morte. Hoje, como nos primeiros séculos da Igreja, a maior parte dos teólogos pensam que também Ela morreu, mas — tal como Cristo — a sua morte não foi um tributo ao pecado — era a Imaculada! — para se assemelhar mais completamente a Jesus. E assim, desde o século VI, começou a celebrar-se no Oriente a festa da Dormição da Virgem; um modo de expressar que se tratou de um trânsito mais parecido ao sono do que à morte. Deixou esta terra — como afirmam alguns santos — num transporte de amor.

[Voltar ao índice](#)

Rainha e Senhora do universo

A coroação de Nossa Senhora como Rainha e Senhora do universo é a última pedra dos privilégios concedidos a Santa Maria. Era sobrenaturalmente lógico que a Mãe de Deus, uma vez subida, em corpo e alma, à glória do Céu, fosse glorificada pela Santíssima Trindade acima dos coros dos anjos e de toda a hierarquia dos santos. *Mais do que Tu, só Deus*, exclama o povo cristão.

Um salmo de especial relevo messiânico canta a glória do rei e, unida a ele, a glória da rainha. *És o mais formoso dos filhos de Adão, nos teus lábios se derramou a graça, pois Deus abençoou-te para sempre (...). O teu trono, oh Deus! é para sempre, sem fim; cetro de retidão é o cetro do teu reino (Sal 44[45] 3-7)*. A seguir o salmista dirige-se à rainha. *Ouve filha, inclina o ouvido, esquece teu povo e a casa de teu pai, e o rei se alegrará com a tua beleza; ele é o teu senhor, inclina-te para ele (...). Entra com todo o esplendor a filha do rei, tecido de ouro é o seu vestido; é apresentada ao rei com preciosos bordados, com ela as damas de honor a ti são conduzidas; guiadas em alegria e exultação, entram juntas no palácio real (Ibid. 11-16)*.

A liturgia aplica este salmo a Cristo e a Maria na glória celestial. Esta interpretação tem o seu fundamento nalguns textos do Evangelho que se referem explicitamente a Nossa Senhora. Na Anunciação, S. Gabriel revela-lhe que o seu Filho *reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reino não terá fim (Lc 1, 33)*. Vai ser mãe de um filho que, no mesmo instante da sua concepção como homem, é Rei e Senhor de todas as coisas; Ela, que o dará à

luz, participa da sua realeza. O mesmo afirma Santa Isabel, que, iluminada pelo Espírito Santo, confessa em voz alta: *De onde me é dado tanto bem, que venha visitar-me a Mãe do meu Senhor?* (Lc 1, 43). Também S. João evangelista, numa grande visão do Apocalipse, descreve *uma mulher vestida de sol, a lua a seus pés, e sobre a sua cabeça uma coroa de doze estrelas* (Ap 12, 1). De acordo com a liturgia e a tradição da Igreja, essa mulher é Maria, vencedora com Cristo sobre o dragão infernal e entronizada como Rainha do universo.

O povo cristão confessou sempre esta suprema glória de Maria, participante da realeza de Cristo. Como Ele, tem-na por nascimento (é a mãe do Rei) e por direito de conquista (é sua fiel companheira na redenção). Nas suas mãos o Senhor pôs os méritos sobreabundantes que ganhou com a sua morte na Cruz, para que os distribua conforme a Vontade de Deus.

A realeza de Maria é uma verdade consoladora para todos os homens, especialmente quando nos sentimos merecedores do castigo divino, como justa pena dos pecados. A Igreja convida a recorrer a Ela, nossa Mãe e nossa Rainha, em todas as nossas necessidades. Ser Mãe de Deus e Mãe dos homens é o fundamento sólido da filial confiança na sua intercessão poderosa, que nos conforta e nos impulsiona a levantar-nos das nossas quedas.

Ao terminar estas meditações, invocamo-la com as palavras de uma antiga oração: *Salve, Regina, Mater misericordiæ; vita, dulcedo, spes nostra, salve!* Salvé Rainha, Mãe de misericórdia... *Ad te clamamus, exsules filii Evæ. Ad te suspiramus, gementes et flentes...* Pomos nela toda a nossa confiança, porque uma mãe escuta sempre as súplicas dos seus filhos. *Recordare, Virgo Mater Dei* — dizemos-lhe — *dum steteris in conspectu Domini, ut loquaris pro nobis bona* (cfr. Jr 18, 20). Ela fala sempre bem de nós diante do Pai,

do Filho e do Espírito Santo, e consegue do Senhor as coisas boas de que necessitamos. Sobretudo, a graça da perseverança final, que nos abrirá as portas do Céu: *Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amén.*

[Voltar ao índice](#)

Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2020

www.opusdei.org

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)